

O CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL: APONTAMENTOS DE UMA LEITURA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Vanice Maria Oliveira SARGENTINI¹
Roberto Leiser BARONAS²

■ **RESUMO:** Leitor atento do Curso de Lingüística Geral, Michel Pêcheux, do mirante da ciência das formações sociais, procura encontrar as contradições do pensamento saussuriano para propor um conjunto de questões para a Lingüística, intervindo em seus domínios e objetos. Uma dessas contradições pode ser evidenciada no conceito saussuriano de analogia. Para Pêcheux, embora Saussure tenha se esforçado para ligar a analogia à língua, é possível evidenciar que a ‘fala’ saussuriana traz novamente à tona a problemática do sujeito. Com objetivo de negar e, ao mesmo tempo, superar esse antropologismo psicologista veiculado pelo conceito saussuriano de fala, Pêcheux, entendendo que o sistema lingüístico é dotado de uma autonomia relativa em relação ao seu exterior – as classes sociais – propõe a noção de processo discursivo. Essa noção daria conta de explicar como as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. Nosso objetivo é refletir sobre a negação e a superação operadas por Pêcheux em relação à leitura de uma das recepções do Curso de Lingüística Geral de Saussure, evidenciando que tal gesto relaciona-se mais com o projeto político da Análise do Discurso do que efetivamente com os escritos saussurianos presentes no Curso de Lingüística Geral.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Língua/fala. Sujeito. Discurso.

¹ Departamento de Letras – CECH-UFSCar; CEP 13565-905; São Carlos, SP, Brasil. sargentini@uol.com.br

² Departamento de Letras – CECH-UFSCar; CEP 13565-905; São Carlos, SP, Brasil. baronas@uol.com.br

Diferentes recepções do Curso de Lingüística Geral

Iniciaremos este artigo colocando em questão, na esteira da publicação de Gadet e Pêcheux (2004), das reflexões de Chiss e Puech (1994) e Puech (2005), a afirmação comum e freqüente de que o estruturalismo saussuriano deixa de lado o sujeito e a história, e que a Análise do Discurso em oposição a esse gesto epistemológico do estruturalismo introduz ou reíntroduz essas duas dimensões.

Puech (2005), em artigo sobre a emergência da noção de “discurso” na França e sobre a articulação desta noção ao saussurianismo, pondera que a interpretação do Curso de Lingüística Geral (doravante CLG) não é independente de uma certa “tradição” e de distintas fases de recepção do CLG. O autor considera quatro fases de recepção do CLG.

A primeira é relativa à análise do momento de publicação da obra. De forma geral, as idéias do CLG foram marginalizadas por um longo tempo. Para Claudine Normand (1978) esta fase é marcada por uma leitura especulativa de Saussure que o leva a ser interpretado como uma perversão do Saussure “real”, aquele da *Memóire sur le systeme des voyelles en indo-européen*. Para Sechehaye, com quem Bally organiza o CLG, é preciso resgatar a importância de conceitos como valor, diferença, oposição, arbitrariedade, reconhecendo que a ciência da língua torna-se, a partir das proposições de Saussure, uma ciência dos valores (PUECH, 2005).

A segunda recepção do CLG dá-se em 1928, no 1º Congresso Internacional de Lingüistas (Congress International des Linguistes à La Haye) e, naquele momento, principia o reconhecimento de Saussure como fundador de uma lingüística autônoma; entretanto, será apenas no pós-guerra que se dará uma terceira recepção de Saussure, com maior difusão, em um contexto de estruturalismo generalizado.

Na terceira recepção, a leitura de Saussure não é mais feita somente pelo círculo de lingüistas, ela torna-se de interesse de sociólogos, antropólogos e filósofos. Puech (2005) destaca o lugar que Merleau-Ponty ocupa de mediador entre Lévi-Strauss, Jakobson, Lacan. O termo ‘estruturalismo’ se firma e também uma leitura do estruturalismo fortemente marcado pelas dicotomias.

A quarta recepção do CLG é marcada por estudos que se iniciam na década de 60. A pesquisa sobre o CLG retorna às edições críticas e a fontes manuscritas em um gesto de procura ao ‘verdadeiro pensamento de Saussure’, em uma perspectiva que reconhece não haver uma unidade inquestionável sobre a interpretação desta matriz fundadora dos estudos lingüísticos. Chiss e Puech (1994),

em artigo sobre Saussure e a constituição de um domínio de memória sobre a lingüística contemporânea, afirmam haver um certo agenciamento de memória, no qual Saussure figura como origem absoluta, garantia de unidade, produzindo uma matriz de referência a ele próprio. Desta forma, as referências ao Saussure ‘fundador’ parecem mais ter como função garantir sua unidade que seguir uma filiação.

Michel Pêcheux (1999), em *Sobre a desconstrução das teorias lingüísticas*, afirma que a história da lingüística desenvolve-se no interior de um embate entre as tendências do logicismo e do sociologismo. Na perspectiva da Análise do Discurso deveria-se buscar uma outra via fora de uma corrente que inscreve a língua na ordem própria de um sistema (logicismo), ou de uma corrente na qual a inscrição da língua dá-se no âmbito do social (sociologismo). Ocorre que tanto no logicismo como no sociologismo produz-se um apagamento da discussão política que é recoberta ou pela psicologia ou pelo sistema.

O artigo de Pêcheux (1999), ao analisar as tendências de desconstrução das teorias lingüísticas, avalia que há diásporas e reunificações em torno do pensamento de Saussure. Nesse artigo, Pêcheux busca uma articulação entre pontos da história epistemológica da lingüística e traços do processo global no qual essa história se inscreve. Observa que a apresentação da teoria saussuriana, em momentos distintos, expressa um posicionamento e um partidarismo em relação às condições históricas de cientificidade da lingüística.

Retomemos, então, Puech (2005), cujas reflexões apontam o primeiro momento de recepção do CLG, como aquele em que a regra era considerar o CLG marginal, uma abstração. A exceção a essa regra era focalizar a importância da noção de valor em Saussure. A nosso ver, Gadet e Pêcheux (2004), em alguma similaridade no que tange à exceção dessa primeira recepção do CLG, também reconhecem dois “Saussures”. Propõem que o saussurianismo não deva ser polarizado em dois autores que se opõem: o do CLG e o dos anagramas. O que se deve destacar, assim como o fez naquele momento Sechehaye é, antes, o conceito de valor. “O valor sustenta e ao mesmo tempo limita o arbitrário” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 58).

Na leitura que Gadet e Pêcheux (2004, p.58) fazem de Saussure, no que se refere à noção de valor, compreende-se que “[...] só se pode perceber a tese do valor ligando fundamentalmente o trabalho sobre os Anagramas com a reflexão do CLG”. Assim, à semelhança de um estudo de caráter historiográfico, se pensarmos em delinear uma leitura que Pêcheux faz dos que lêem Saussure, diríamos que ele sustenta que as leituras do CLG, principalmente aquelas que fundamentam as semânticas lingüísticas, privilegiaram a *função* do lingüístico. Pêcheux defende que

somente com a noção de valor é possível privilegiar tal *funcionamento*. Contudo, se a noção de valor proposta por Saussure dá conta do funcionamento lingüístico nos níveis fonológico, morfológico e sintático, no nível semântico ela deve ser repensada.

Estudos desenvolvidos por historiadores, como Puech, levam-nos a refletir sobre qual Saussure fala-se ao afirmar que ele excluiu o sujeito e a história. A Análise do Discurso, ao considerar os dois “Saussures” e a centralidade do conceito de valor, leva à radicalidade a afirmação de que a língua é um fato social.

A noção de fato social, corrente na época de Saussure, é distinta daquela concebida por outros estudiosos daquele momento. Para Meillet³, por exemplo, há uma equivalência entre história e sociedade, de forma que as mudanças de estrutura social se traduzem em mudanças lingüísticas. Para Saussure, ‘a natureza social da língua’ é uma de suas características internas, fato que permite conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no interior da vida social: a semiologia. Pêcheux, nos anos 70, inscreve a noção de fato social articulando-a ao materialismo histórico.

Saussure do mirante da Análise do Discurso

Na primeira parte deste artigo, procuramos mostrar as diferentes recepções do CLG, nesta segunda parte, com base no olhar saussuriano, refletiremos sobre a leitura que a Análise do Discurso, derivada de Michel Pêcheux, produz acerca do CLG. Determos-emos, mais especificamente, na leitura operada a seis mãos por Michel Pêcheux; Claudine Haroche e Paul Henry, no texto “*La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*”⁴, acerca do conceito

saussuriano de analogia. Nosso mirante saussuriano está fortemente assentado saussuriano de analogia. Nosso mirante saussuriano está fortemente assentado nas reflexões do próprio Ferdinand de Saussure (1993) presentes no livro *Curso de Lingüística Geral*.

O programa teórico-político da Análise do Discurso irrompe no cenário francês, do final dos anos 60, como um componente essencial de um projeto maior proposto por Louis Althusser que foi a tentativa de definir uma ciência da ideologia. Althusser

³ Cf. PUECH, 2005.

⁴Texto inédito em português, publicado inicialmente no Jornal Comunista l’Humanité, depois na Revista *Langages*, número 24, em 1971. Republicado por Denise Maldidier em 1990 no livro “*L’inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux, choisis et présentés par D. Maldidier, Paris, Éditions du Cendres*”. Tradução brasileira de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro (2007).

acreditava que a ideologia, enquanto campo do saber, se constituía sob uma dupla modalidade: primeira, de uma teoria da ideologia em geral e de uma teoria das ideologias particulares, que exprimem sempre, qualquer que seja a sua forma (religiosa, moral, jurídica, política), posições de classe.

A ciência proposta por Althusser deve estudar, então, a deformação imaginária que sofrem as relações reais dos indivíduos em face de suas posições na formação social, quando elas se transmudam em representações ideológicas. Ela parte do princípio que essa deformação obedece a certos processos constantes, cujo funcionamento pode-se colocar em evidência.

O interesse científico e a vontade militante são indissociáveis na Análise do Discurso de orientação francesa. Michel Pêcheux, ao beber na fonte teórica althusseriana, acreditava que estudar os processos de deformação ideológica no discurso é trabalhar em uma obra de desmistificação e, principalmente, é fazer progredir as causas da revolução. Daí o interesse pelo estudo de *corpora* constituídos exclusivamente por discursos políticos.

A lingüística saussuriana é mobilizada, em Michel Pêcheux, por um duplo motivo: primeiro, pela autonomia relativa da linguagem, unanimemente reconhecida pela Ciências Humanas, na conjuntura estruturalista. E, segundo, no concerto das Ciências Humanas, a lingüística era reconhecida por ter operado de maneira decisiva o corte epistemológico, isto é, o distanciamento necessário da sua própria ideologia que qualifica a cientificidade.

A lingüística era a ciência piloto. Usar o modelo analítico da lingüística a partir do qual é possível descrever as sistematicidades da língua ou de qualquer outra estrutura, sistema testado e comprovado nas mais diversas Ciências Humanas, garantiria legitimidade científica também à Análise do Discurso. Tal leitura é possível considerando o espírito da época que reconhecia, em Saussure, uma matriz de unidade.

O olhar pecheuxano sobre a semântica e o corte saussuriano: o conceito de analogia

No artigo de 1971, elaborado em co-autoria com Claudine Haroche e Paul Henry, intitulado *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*, Michel Pêcheux (1971) procura re-trabalhar a evidência primeira de um corte saussuriano definitivamente adquirido. Pêcheux coloca-se ao lado de Claudine Normand para quem, ao contrário da vulgata saussuriana, deve-se se acentuar o conceito de valor. Com efeito, assevera Normand (1970, p.37):

On voit donc que dans les systèmes sémiologiques, comme la langue, où les éléments se tiennent réciproquement en équilibre selon des règles déterminées, la notion d'identité se confond avec celle de valeur et réciproquement. Voilà pourquoi, en définitive, la notion de valeur recouvre celles d'unité, d'entité concrète et de réalité. Les termes de conclusion ne doivent pas faire illusion. Cette affirmation n'est pas le résultat d'une introduction à partir des faits observés. La notion de valeur est introduite ici par analogie avec le jeu d'échecs, sans que le lien avec ce qui précède apparaisse clairement dans une première lecture linéaire. Il s'agit d'une notion fondamentale, développant la notion de langue comme système.

A noção de valor é que permite a Saussure ultrapassar a idéia de que a língua se resume a uma simples nomenclatura.

Em todos esses casos, pois, surpreendemos, em lugar de idéias dadas de antemão, valores que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.

(SAUSSURE, 1993, p.136).

Trata-se de uma leitura que busca separar a língua de sua função de expressão, que rompe com as problemáticas subjetivistas.

Em "Semântica e o corte saussuriano", Pêcheux mostra-nos que na própria obra de Saussure (CLG) é possível observar alguns pontos falhos, algumas contradições. Uma dessas contradições na ruptura saussuriana, segundo Pêcheux, jaz no conceito saussuriano de analogia. Para Pêcheux, embora Saussure tenha se esforçado bastante para ligar a analogia à língua, a analogia faz intervir a **idéia** e, por ela, a fala e o sujeito individual. Eis a porta deixada aberta por Saussure, pela qual vão se precipitar o formalismo e o subjetivismo.

Essa análise do corte saussuriano e de seu recobrimento tendencial preludia a tese fundamental sobre semântica. O sentido, objeto da semântica, excede o âmbito da lingüística, ciência da língua. A semântica não deriva de uma abordagem lingüística. Pêcheux assevera que não se podem visar às sistematicidades da língua como um contínuo de níveis. A semântica não é um nível a mais, homólogo ao fonológico, ao morfológico ou ao sintático. O laço que liga as significações de um texto às condições sócio-históricas desse texto não

é secundário, mas constitutivo das próprias significações.

Pêcheux critica a semântica estrutural pós-saussuriana por ter importado o modelo fonológico para o domínio do sentido e as semânticas universais ligadas à teoria gerativa de Noam Chomsky. Essas semânticas lingüísticas, no entendimento de Pêcheux, se constituem em lugares de recobrimento do corte saussuriano. Pêcheux propõe, então, uma *intervenção epistemológica* nas semânticas lingüísticas. É preciso “mudar de terreno” e encarar uma nova problemática: o *discurso*. Esse conceito deverá ser pensado à luz do materialismo histórico. É a partir dele que se pode fazer a localização de novos objetos, colocando-os em relação com a ideologia.

Avançaremos, apoiando-nos sobre grande número de observações contidas naquilo que denominamos “os clássicos do marxismo”, que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que *não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma *formação discursiva* a outra. Isso corresponde a dizer que a semântica, suscetível de descrever cientificamente uma formação discursiva, assim como as condições de passagem de uma formação a outra.

(PÊCHEUX, 2007, p.26, grifo do autor).

O conceito de analogia no Curso de Lingüística Geral

No Curso de Lingüística Geral, Saussure estabelece uma diferença entre “linguagem”, “língua” e “fala”, fixando como objetivo central do estudo a língua a partir do ponto de vista de sua estrutura, de sua organização interna, de seu caráter sistêmico. A língua se compõe de unidades básicas relacionadas entre si. A unidade, denominada por Saussure de signo lingüístico, é formada por dois elementos – o conceito e a imagem mental do conceito, sua ‘imagem acústica’ –, que se unem em uma associação psíquica no cérebro do indivíduo. Essas duas faces constituem o “significado” e o “significante”. Entre significado e significante não existe uma relação natural e, sim, arbitrária – a “arbitrariedade do signo”. A

língua tende a permanecer, a ser estável, a defender-se da inovação. É o produto da sociedade – a natureza social da linguagem –, que se adquire como uma herança, na qual os vínculos com o passado são mais fortes do que a inovação, a “liberdade de expressão”. No entanto, isso não significa que não se produzam deslocamentos, mutações, que afetem a relação significado-significante. Algumas dessas transformações se dão por meio da analogia, que no entendimento de Saussure “[...] supõe um modelo e sua imitação regular. Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (SAUSSURE, 1993, p.187). Trata-se de um fenômeno de ordem gramatical:

Tudo é gramatical na analogia; acrescentemos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, **de começo** à fala; ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É nessa esfera, e à margem da língua que convém surpreender **primeiramente** o fenômeno. Cumpre, entretanto, distinguir duas coisas: 1 a compreensão da relação que une as palavras geradoras entre si; 2 o resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. **Somente** esse resultado pertence à fala... Toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas. Dessarte, uma parte toda do fenômeno se realiza antes que se veja aparecer a forma nova... É, pois, um erro acreditar que o processo gerador só se produz no momento que surge a criação, seus elementos **já** estão dados. (SAUSSURE, 1993, p.192, grifo nosso).

Algumas considerações

Com base no excerto anterior, torna-se possível asseverar que a leitura do CLG feita por Michel Pêcheux e exposta no artigo *Semântica e o corte saussuriano*, principalmente no tocante ao conceito de analogia, está fortemente marcada pelo viés político, militante da Análise do Discurso. A segunda e terceira recepção do CLG produziu uma unidade na qual era preciso fechar todas as portas para as leituras que permitissem um possível retorno do sujeito. Por um lado, algumas leituras desconsideram que Saussure insiste veementemente no caráter sistêmico, gramatical da analogia. Por outro lado, no entanto, a leitura pecheuxiana evidencia a ênfase dada por Ferdinand Saussure ao conceito de valor. Com efeito, ao enfatizar o princípio da subordinação da significação ao valor como o centro da ruptura saussuriana, Pêcheux procura mostrar que o conceito de valor possibilita que se pense o funcionamento da língua desprovido de todas questões formalistas ou subjetivistas.

Na Análise do Discurso, a discussão sobre efeito metafórico, isto é, que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam, é baseada na noção de valor. Não há um sentido próprio à palavra, a uma proposição, ou ainda sentidos derivados da literalidade da palavra ou proposição. A construção do sentido dá-se pela transferência que remete de uma palavra a outra. Assim, estabelece-se para Pêcheux uma relação intrínseca entre o texto e sua exterioridade (que se distingue em muito de compreender o exterior discursivo comodamente como condição de produção). A noção de valor, nesta perspectiva, inscreve-se no campo semântico, e não se apresenta então subordinada à significação, propiciando, assim, que juntamente à noção de estrutura considere-se a noção de acontecimento.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira; BARONAS, Roberto Leiser. Course of General Linguistics: notes on a reading of Discourse Analysis. **Revista do Gel**, São Paulo, v.4, n.2, p.43-52, 2007.

■ **ABSTRACT:** *Michel Pêcheux was a very careful reader of the Course of General Linguistics. From the lookout of social formation's science, he searches for contradictions in saussurian thoughts in order to propound a set of questions to Linguistics, taking part of its methods and domains. One of these contradictions can be put into evidence in the saussurian concept of analogy. According to Pêcheux, although Saussure had made the effort to link analogy to language, it is possible to perceive that the saussurian "speech" brings the problematic of the subject to spot again. With the objective of denying and, at the same time, surpassing this psychological anthropologism put into action by the saussurian concept of speech, Pêcheux who understands the linguistic system as provided with some autonomy in relation to the outside – the social classes – propounds the notion of discursive process. This notion would be able to explain how words change in meaning according to the positions taken by those who use them. Our objective is to reflect about the denying and the surpassing operated by Pêcheux about one of the receptions' reading of the Course of General Linguistics, pointing out that such gesture was much more related to a Discourse Analysis's political project rather than Saussure's writings.*

■ **KEY-WORDS:** *Language/speech. Subject. Discourse.*

Referências

CHISS, J-L.; PUECH, C. F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine. **Langages**, Paris, n.114, p.41-53, 1994.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**. Campinas: Pontes, 2004.

MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours**: textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par. Paris: Editions des Cendres, 1990.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni P. ORLANDI. Campinas: Pontes, 2003.

NORMAND, C. Propositions et notes em vue d'une lecture de F. de Saussure. **La Pensée**, Paris, n.154, p.91-111, dez. 1970.

NORMAND, C. Saussure et la linguistique pré-saussurienne. **Langages**, Paris, n.49, p.66-90, 1978.

PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. **Langages**, Paris, n.24, p.13-32, 1971.

PÊCHEUX, M. Sobre a desconstrução das teorias lingüísticas. [Traduzido em] **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, Campinas, n.4/5, p.24-45, 1999.

PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução brasileira de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In. BARONAS, R. L. **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p.13-32.

PUECH, C. L'émergence de la notion de "discourse" en France et les destines du saussurisme. **Langages**, Paris, n.159, p.78-101, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.